

O MULTILINGUISMO NA TRADUÇÃO MEDIEVAL PORTUGUESA  
DO *ESPELHO DA CRUZ*: A PRESENÇA DO CATALÃO

MULTILINGUALISM IN THE PORTUGUESE MEDIEVAL  
TRANSLATION OF THE *MIRROR OF THE CROSS*: THE  
PRESENCE OF CATALAN

César Nardelli Cambraia

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)  
nardelli@ufmg.br

Marcos Alexandre dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)  
m.alexandre.s@outlook.com

RESUMO:

Este trabalho trata da discussão sobre o multilinguismo na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*, obra originalmente escrita em italiano por Domenico Cavalca no séc. XIV. Os principais objetivos deste estudo são demonstrar a presença de catalanismos na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* e o vínculo entre as tradições catalã e portuguesa da obra em questão. Com base nos dados analisados, propôs-se um quadro geral segundo o qual a tradição românica do *Espelho da Cruz* é composta de dois ramos: a tradição italiana manuscrita deu origem à tradição catalã manuscrita e esta, por sua vez, à tradição portuguesa manuscrita; a mesma tradição italiana manuscrita deu origem à tradição italiana impressa e esta, por sua vez, à tradição impressa espanhola.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia Românica; Crítica Textual; Contato Linguístico; Tradução.

ABSTRACT:

This paper deals with the discussion about multilingualism in the Portuguese medieval translation of *Mirror of the Cross*, a work originally written in Italian by Domenico Cavalca in the 14<sup>th</sup> century. The main objectives of this study are to demonstrate (a) the presence of catalanisms in the Portuguese medieval translation of *Mirror of the Cross* and (b) the link between the Catalan and Portuguese traditions of the work in question.

Based on the data analyzed, it was proposed a general framework according to which the Romance tradition of the *Mirror of the Cross* is composed of two branches: the Italian manuscript tradition gave rise to the Catalan manuscript tradition and this, in turn, to the Portuguese manuscript tradition; the same Italian manuscript tradition gave rise to the Italian printed tradition and this, in turn, to the Spanish printed tradition.

KEYWORDS: Romance Philology; Textual Criticism; Linguistic Contact; Translation.

## **Introdução**

A questão do multilinguismo na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* foi primeiramente abordada por Martins (1956). Após mencionar a edição da tradução para a língua espanhola dessa obra, impressa no ano de 1486 em Sevilha por Antón Martínez, o estudioso comentou:

Agora, perguntamos: a versão portuguesa tem alguma coisa que ver com a tradução em romance castelhano? Julgamos que sim. Os espanholismos saltam aqui e além, a dar testemunho dum idioma mal filtrado por uma tradução descuidada: *illusiones* (cap. 19), *dolores* (cap. 20), *generalmente* (cap. 30) – e mais coisas que não vale a pena trazer a terreiro. (MARTINS, 1956, p. 158)

O tema voltou a ser tratado, de forma bem mais desenvolvida, por Cornagliotti e Piccat (1993), que apresentaram tipologias para dar conta dos padrões de interferência linguística constatados na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*. Com base nos resultados obtidos em sua análise do cap. 39 da obra em um dos testemunhos da tradução portuguesa (cód. alc. 89), conjugados com o trabalho de Damonte (1977), esses autores refutaram a tese de Martins:

[...] cai por terra a hipótese de Mário Martins, ou seja, de que existam correspondências entre o manuscrito examinado e a versão castelhana impressa em Sevilha em 1486. (CORNAGLIOTTI; PICCAT, 1993, p. 346, tradução nossa)

Saliente-se que Cornagliotti e Piccat (1993) não negaram a presença de hispanismos no *Espelho da Cruz*, mas sim que os hispanismos fossem prova do vínculo entre a tradução portuguesa e a espanhola.

Com o recente trabalho de edição integral do outro testemunho da tradução portuguesa (cód. alc. 221)<sup>1</sup> realizado por Santos (2019), foi possível ter uma visão mais ampla da situação linguística da tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*: trata-se de um caso bem mais complexo do que aquele descrito por Cornagliotti e Piccat (1993), pois o multilinguismo da tradução se manifesta não apenas pela presença do português e do espanhol, mas também do catalão.

O presente trabalho tem como objetivos demonstrar (a) a presença de catalanismos na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* e (b) o vínculo entre as tradições catalã e portuguesa da obra em questão.

## 1. A tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*

### 1.1 Testemunhos

Os catálogos de manuscritos medievais portugueses<sup>2</sup> assinalam haver atualmente apenas dois testemunhos com a tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*, ambos pertencentes ao Fundo de Alcobaça: trata-se dos cód. alcs. 89<sup>3</sup> e 221<sup>4</sup>, hoje guardados na Biblioteca Nacional de Portugal.

Uma breve descrição dos códices<sup>5</sup> é apresentada por Anselmo (1925, p. 108 e 114):

#### CCLXXI

221. *Livro chamado Espelho da Cruz*, por mestre Domingos Cavalca, italiano, da ordem dos Prêgadores; traduzido em português e por Fr. Melchior do Reis, monge de Alcobaça?

Pergaminho. — 259 × 176. — [142 fl.]; faltam fl. no meio. — 30-34 l. — recl.,

<sup>1</sup> Não há atualmente edição integral do cód. alc. 89, embora uma mestranda da UFMG a tenha iniciado em 2004 e interrompido logo em seguida.

<sup>2</sup> Anselmo (1925, p. 108 e 114; 1926, p. 43-45), Silva Neto (1956, p. 77-78), Amos (1988, v. 1, p. 126; 1990, v. 2, p. 129-130), Cepeda (1995, p. 68-69), Bitagap (2019, manid 1112 e 1113).

<sup>3</sup> Fac-símile digital disponível em: <<http://purl.pt/24261>>.

<sup>4</sup> Fac-símile digital disponível em: <<http://purl.pt/24307>>.

<sup>5</sup> Para exemplificação, conferir o fac-símile de um fôlio de cada um desses dois códices na seção *Anexo* no final deste texto. Trata-se dos fôlios que apresentam mais ou menos o mesmo trecho do texto.

em parte do cód., no fim de cada cad. de 8 fl. — letra gótica dos princípios do séc. XVI. — rubr.; iniciais a verm. e azul, filigranadas.

[fl. 1] Começase o prologo sobre o libro chamado espelho da cruz o qual compilou o reuerêdo mestre domygo [espaço rasurado] da ordê dos prgadores da cidade de pisa.— [fl. 2] Como ihu xo ã acruz tirou τ ordenou onosso amor : τ come osseu amor he de graça, cã j<sup>o</sup>.— *A obra acaba na [fl. 142], que, reduzida a menos de metade, foi intercalada entre as [fl. 123 e 124], e as palavras. E quẽ poder dizer esta oraçõ nosso senhor dês lhe dara bõ galardõ.*

*Na [fl. 141 v.o], últ. do cód., em letra do séc. XVI, a nota: achei numa folha q~ se despegou q~ foi Aquabado na era de 15 he xo [1510] annos alouuor de xpo, A [fl. 142], provàvelmente a que esta nota quere designar, não tem, na parte que ainda conserva, coisa que possa justificar tal afirmação. Na [fl. 40] ha também uma nota marginal, em letra do séc. XVI, que diz ter sido o livro escrito na era de 1517. Mais abaixo acrescenta:*

Foi escrito nas pousadas [?] de Jorge Pires do castello 1517.

*Index cod. CCLXXI, p. 120.*

## CCLXXII

89. *Livro chamado Espelho da Cruz*, por mestre Domingos Cavalca. italiano, da ordem dos Prêgadores; traduzido em português.

Papel. — 211 x 143 (in-4.º). — [177 fl.] — núm. de l. var. — recl. no fim de cada cad. de 16 fl. — letra cursiva dos fins do séc. XV ou princípios do XVI. — rubr. e iniciais a verm.; (ficaram por fazer muitas rubr. e iniciais). — rasuras e outras emendas de letra vária.

[fl. 1] Seguesse a taboa. Até [fl. 2 v.o] — [fl. 3] Comecase o prologo sobre o libro chamado espelho da cruz o q~l com pilou o reuerendo mestre domygo cavalgua da ordem dos prgadores da cidade de pisa en toscana. — [fl. 177] Explicít liber uocadus speculuz cruçis Amen Deo grãs.

*Prelim. ao cód. [1 fl.], letra do séc. XVIII, c. o t.; Livro intitulado = Espelho da Cruz o qual compilou o P. Fr. Domingos Cavalga da Ordem dos Pregadores, da Cidade de Pisa em Toscana; Traduzido em Portuguez antigo por Fr. Melchior dos Reys Monge de Alcobaça. Ignoramos o fundamento desta afirmação. — Na [fl. 177], a seguir à subscrição final, e em [1 fl] seg., em letra da época, uma narrativa em port. em que te diz ter Jesus aparecido a um seu servo ao qual revelou entre outras coisas ter recebido 5109 feridas; o que diz o Index cod, «quam sit dignum fide, imo et nocens creditu, vident qui veram Theologiam tenent.»*

*Index cod. CCLXXII, p. 120.*

No Index (1775, p. 120), afirma-se que os códices teriam sido escritos em 1510: “Códices CCLXXI e CCLXXII. Membranáceo o primeiro e cartáceo o segundo, escritos com caracteres góticos pelo fr. Melchior dos Reis, monge alcobacense, no ano de 1510. Contém apenas um livro registrado *Espelho da Cruz*, composto pelo fr. Domenico Cavalca, cidadão de Pisa” (tradução nossa). Na Biblioteca Digital Portuguesa, o cód. alc. 89 aparece situado na faixa temporal de 1476-1525 e o alc. 221 na faixa de 1501-1525. No Bitagap, respectivamente, de 1480-1520 e de 1501-1510.

Não há ainda estudo comparativo rigoroso entre esses dois testemunhos que tenha demonstrado de forma cabal sua relação genética, mas Cornagliotti e Piccat (1993, p. 355) consideraram que o cód. alc. 221 seja “apógrafo do precedente [ou seja, do cód. alc. 89] mas com alguma variação e sem a complexidade de intervenções corretivas ulteriores” (tradução nossa). Os dados da transcrição do cap. 39 da obra em questão apresentados por Cornagliotti e Piccat (1993, p. 336-341) fornecem efetivamente subsídios à sua interpretação, pois, em vários casos, a correção realizada no cód. alc. 89 aparece como forma única registrada no cód. alc. 221: cf., p.ex., *exillio* > *desterro* no cód. alc. 89 mas apenas *desterro* no cód. alc. 221, *humillasse* > *humildasse* no cód. alc. 89 mas apenas *humildasse* no cód. alc. 221, *barraquas* > *cabanas* no cód. alc. 89 mas apenas *cabanas* no cód. alc. 221. Há dados, porém, que sugerem dever essa questão ser reavaliada, pois, em casos como *bocejou* > *bocilou* no cód. 89 mas apenas *bocejou* no cód. alc. 221, o copista do cód. alc. 221 não ficou com a forma “corrigida” *bocilou*, mas sim com a original *bocejou*: ou esse copista exerceu juízo na escolha das formas do cód. alc. 89, não optando sempre pela forma corrigida, ou leu o cód. alc. 89 antes de certas correções terem sido feitas, ou quiçá terá consultado outra cópia do texto, muito semelhante à do cód. alc. 89, mas que não remanesceu.

A tradução medieval portuguesa intitulada *Espelho da Cruz* remonta à obra *Specchio di Croce*, escrita pelo frei dominicano Domenico Cavalca (Vicopisano, c. 1270 — Pisa, 1342) por volta de 1333 (DALCORNO, 1979). Essa obra em italiano foi objeto de um processo amplo de difusão: está hoje preservada em 127 manuscritos e circulou em 28 edições nos sécs. XV e XVI, sendo a edição *princeps* a realizada por Filippo di Pietro ou Juvenis Guerinus antes de 1476 (TROIANO, 2018, p. 16).

A obra, centrada na vida de Jesus Cristo, apresenta-a como modelo (por isso o tema do espelho) para a vida dos fiéis. Annamaria Gallina, editora da tradução medieval catalã da obra, resume seu conteúdo da seguinte maneira:

A obra se divide em cinquenta capítulos, nos quais se expõe como Jesus se fez homem e sofreu a paixão para nos livrar das consequências do pecado original, e como assim o fez por amor (caps. I-V). Da mesma maneira, devemos estimá-lo (VI-X). Primeiramente, devemos odiar a nós mesmos e ao pecado, considerando mais a paixão de Jesus do que os bens deste mundo (XI-XXV). A cruz em que morreu Jesus é para nós exemplo, matéria de meditação e de conhecimento (XXVI-XXXVI). Na cruz, Jesus nos mostrou as obras de misericórdia, corporais e espirituais (XXXVII-XL). Ele observou e escolheu para si mesmo todas as bem-aventuranças (XLI-XLVIII). Estas fazem o homem perfeito em relação a Deus, ao seu próximo e a si mesmo (XLIX). As sete primeiras bem-aventuranças concordam com os sete dons do Espírito Santo (L). (CAVALCA, 1967, v. I, p. 10, tradução nossa)

## **1.2 Interferências linguísticas**

Segundo Cornagliotti e Piccat (1993, p. 335), uma particularidade do cód. alc. 89 consiste em ter sido objeto de revisão linguística em um período coevo ou logo posterior ao registro. Haveria três tipos de correções<sup>6</sup>:

- a. correção adicionada em espaços em branco deixados pelo primeiro copista (mão A) e escrita após a lição rejeitada (por vezes cancelada com traço horizontal);
- b. correção efetuada diretamente sobre a lição primitiva com consequente modificação de letras;
- c. correção adicionada na entrelinha.

As intervenções seriam efetuadas em três hipóteses, sendo a primeira a mais comum:

- a. o segundo copista (mão B) corrigiu formas mantidas ou sentidas como hispanismos em lusitanismos, operando sobretudo sobre a grafia e a fonética, mas também na morfologia e no léxico (p. ex., *ollos* > *olhos*, *manos* > *mãos*, *soy* > *som*, *empeçar* > *começar*, *scallentar* > *esquentar*);
- b. o mesmo segundo copista modificou um lusitanismo em outro lusitanismo na busca de uma forma mais popular, mais moderna

---

<sup>6</sup> Cornagliotti e Piccat (1993) identificam a presença de três copistas na tradição portuguesa do *Espelho da Cruz*: copista que fez o registro inicial do cód. alc. 89 (= mão A); copista que fez correções no cód. alc. 89 (= mão B); e copista do cód. alc. 221 (= mão C).

ou menos condicionada pela fonte no que se refere a passagens bíblicas e patrísticas citadas no tratado (p. ex., *noças* > *vodas*, *exillio* > *desterro*, *portatiles* > *levadiças*);

- c. o mesmo segundo copista corrigiu uma lição que parece hoje ser atestada tanto em português quanto em espanhol com riqueza documental, mas que deveria soar-lhe provavelmente mais difundida ou mais própria da língua portuguesa literária ou com menor conotação do ponto de vista dialetal (p. ex., *fuggido* > *ffuido*, *suso* > *subre*, *empeçamento* > *principio*).

Ao final, Cornagliotti e Piccat (1993, p. 346) assinalaram que suas tipologias dão conta do quadro geral do problema, mas há casos que não se enquadram, como a sequência de substituições *lunhou* (mão A) > *longou* (mão B) > *alongou* (mão C). Consideraram complexo esse caso, porque as formas *lunhar* e *longar* não seriam documentadas em português e espanhol, mas apenas *alongar*. Afirmaram não estarem seguros sobre se seriam formas dialetais ou arcaicas no âmbito lusitano, mas defenderam que deveriam existir e que, para a mão B, a primeira não soaria compatível com seu uso linguístico.

Os próprios dados apresentados por Cornagliotti e Piccat (1993) em relação ao cap. 39 da obra em questão, no entanto, permitem verificar a presença de catalanismos, apesar de esses autores não terem feito qualquer menção a esse tipo de interferência linguística.

Primeiramente tem-se a já citada forma *lunhou* (cód. alc. 89, f. 132r2), cuja correção em *longuou* pela mão B foi feita através de correção do *u* inicial em *o* e de *h* em *g*, além de adição de *u* na entrelinha superior. Cornagliotti e Piccat (1993, p. 338) apresentaram como forma final da mão B *longou*, mas o correto é *longuou*, pois se esqueceram de considerar o *u* sobrescrito. Como já haviam assinalado os dois estudiosos, realmente não parece haver registro de forma verbal com base *lunh-* no português medieval<sup>7</sup>, mas não é difícil ver semelhança com a forma catalã *allunyar* (GRAN, 1998, p. 75), derivada de *lluny* (< lat. LONGE), sendo de especial interesse para o caso a presença da palatal nasal, compatível com a fonética histórica do catalão. Na própria tradução medieval catalã da obra, intitulada *Mirall de la Creu*, é justamente a expressão *és lunyat* que aparece no ponto do texto em questão: cf. “por algũia manejra de peccado

<sup>7</sup> Realizou-se busca nas seguintes bases: CP (*Corpus do Português*), CLP (*Corpus Lexicográfico do Português*) e CIPM (*Corpus Informatizado do Português Medieval*).

se *lunhou* > *longuou*<sup>8</sup> de deus” (cód. alc. 89, f. 132r2-3) e “per alguna manera de peccar s’és *lunyat* de Déu” (CAVALCA, 1967, v. II, p. 91).

Também curiosa é a interpretação dada por Cornagliotti e Piccat (1993) à forma *noças* (mão A), substituída por *vodas* (mão B) no mesmo cód. alc. 89:

O tipo português *noças*, agora em português *núpcias*, consiste em forma culta e de tradição limitada; por isso aparece rejeitada em favor da mais popular *vodas* de difusão geral. É possível que *noças* soasse ainda mais antiga porque derivada da latina NUPTIAS, atestada com 33 ocorrências na Vulgata, enquanto em um só caso (Sap. XIII, 17) VOTUM aparece próximo à voz NUPTIIS. (CORNAGLIOTTI; PICCAT, 1993, p. 344, tradução nossa)

A primeira coisa que se pode assinalar que é *noças* não aparece atestada nas três bases citadas antes, logo não se entende porque foi considerada como forma propriamente portuguesa. Além disso, há a forma *noces* no catalão (GRAN, 1998, p. 1156), que é justamente a que aparece nesse ponto na tradução catalã da obra em questão: cf. “conujdando as gentes a aquellas *noças* > *uodas*” (cód. alc. 89, f. 132r5) e “convidant les gents a aquelles *noces*” (CAVALCA, 1967, v. II, p. 89).

Outra forma mencionada por Cornagliotti e Piccat (1993, p. 344-345) em seu estudo é *ixiu* (cód. alc. 89, f. 133v14), mas, nesse caso, não consideraram como uma forma imprevista como *lunhou*, mas sim como uma “forma antiquada enquanto *sayu*, com o mesmo significado de ‘ir para fora’ parece gozar de uma difusão posterior” (tradução nossa). O primeiro aspecto a chamar a atenção nesse caso é que a forma verbal *ixir* também é estranha ao português (está ausente das três bases citadas antes), mas não é estranha ao catalão, que possui *eixir* (GRAN, 1998, p. 591), com variante medieval *ixir* (COSTA CLOS; TARRÉS FERNÁNDEZ, 1998, p. 83), oriundas do lat. EXĪRE. Novamente encontra-se certo paralelismo entre as formas presentes na tradução portuguesa e na catalã: cf. “e depois de tres dias ne *jxiu* > *sayu* viuo e gloriosso” (cód. alc. 89, f. 133v14) e “a après de tres jorns ne *isque* viu e gloriós” (CAVALCA, 1967, v. II, p. 94). A forma catalã de perfeito *isque* para o infinitivo *ixir* seria proveniente de um perfeito forte por analogia das formas de presente *isc/isca* (MOLL, 1991, p. 159).

No mesmo trecho em que ocorre *ixiu*, ocorre também a forma *ne*, igualmente cancelada pela mão B, forma sobre a qual Cornagliotti e Piccat (1993)

---

<sup>8</sup> Na transcrição dos testemunhos portugueses neste trabalho apresentam-se formas resultantes de correção após o sinal >.



nada comentaram. Essa forma reforça ainda mais a presença de catalanismos, pois é estranha ao português medieval e, além disso, aparece na versão catalã (cf. citação no parágrafo anterior): a forma *ne* no catalão (< lat. *İNDE*) é um pronome adverbial (MOLL, 1991, p. 142). No trecho em questão, o autor da obra havia mencionado logo antes que Jesus Cristo havia sido colocado em um sepulcro (“assi como jhesu christo ffoy posto dentro o sepulcro” [cód. alc. 89, f. 133v13-14] / “e axí com Jesucrist fou posat en lo sepulcre” [CAVALCA, 1967, v. II, p. 94]), lugar do qual diz, em seguida, que saiu. Embora o português medieval também apresente uma continuação histórica correlata a *ne*, sua forma é regularmente *ende* ou *en* (CASTILHO, 2017), e não *ne*.

Ainda no mesmo cap. 39 analisado por Cornagliotti e Piccat (1993), há outras formas claramente catalãs ou catalanizadas de que não trataram:

- a. *pujar* (GRAN, 1998, p. 1372): cf. “E por quanto elle se devia *pujar* > *subir* ao çeeo (cód. alc. 89, f. 132r23) e “E per ço, quant se’n devia *pujar* al cel” (CAVALCA, 1967, v. II, p. 90);
- b. *sobirana* (GRAN, 1998, p. 1553): cf. “habitar em a *ssobirana* > *superna* cidade” (cód. alc. 89, f. 132v1) e “sta preparada la cuitat *sobirana*” (CAVALCA, 1967, v. II, p. 91);
- c. *paraula* (GRAN, 1998, p. 1231): cf. “Sobre aquesta *paraula* > *palaula* diz a Grosa” (cód. alc. 89, f.133v11) e “sobre aquesta *paraula* diu la glosa” (CAVALCA, 1967, v. II, p. 94);
- d. *ordonar* (COSTA CLOS; TARRÉS FERNÁNDEZ, 1998, p. 99), forma arcaica de *ordenar* (GRAN, 1998, p. 1192): cf. “Jhesu Christo fezo espiritualmente aquesta obra de misericordia *ordoando* > *ordenando* o santo sacramento do babtismo” (cód. alc. 89, f. 133v9) e “nos ha feta aquesta obra de misericordia *ordonant* lo sacrament del sant babtisme” (CAVALCA, 1967, v. II, p. 94).

Os catalanismos, porém, não se restringem ao cap. 39, pois se constata outros ao longo do texto, dos quais se apresentam aqui apenas exemplos<sup>9</sup>:

<sup>9</sup> Há outros aspectos linguísticos que remetem ao catalão, como, p. ex., o uso de *ny* para representar nasal palatal (p. ex., *senyor* [alc. 221, f. 10r11]) e o uso de *ll* em posição inicial (p. ex., *llume* [alc. 89, f. 4v22-23]).

- a. *fins* (GRAN, 1998, p. 771): “da planta dos pes *fijns* a asobiraneza da cabeça foy turmentado” (cód. alc. 89, f. 14v5-6)<sup>10</sup> e “de la planta del peu *fins* a la cima del cap stech turmentat” (CAVALCA, 1967, v. I, p. 54);
- b. *jatsseja*, locução modelada em *jatsia* (COSTA CLOS; TARRÉS FERNÁNDEZ, 1998, p. 84): “A quall cousa *jatsseja* que deus por ssy meesmo podesse fazer ssyn nossoutros” (cód. alc. 89, f. 21r17-19) e “La qual cosa, *jatsia* açò que Déu pogués fer sens nosaltres” (CAVALCA, 1967, v. I, p. 66);
- c. *afegiu*, forma modelada em *afegir* (GRAN, 1998, p. 41): “depois por aujrtude vécendo otemor *afegiu* a as palavras e dise” (cód. alc. 221, f. 69r21-22) e “vencent la temoir per virtut, *ajustà* a les paraules e dix” (CAVALCA, 1967, v. II, p. 12)<sup>11</sup>.

Os dados acima, que não se pretendem exaustivos, são suficientes para atestar a presença da língua catalã na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*. É interessante assinalar que essa presença se dá através tanto de formas propriamente catalãs (p. ex., *ne*, *pujar*, *sobirana*, *paraula*, *fijns*) como de formas catalanizadas, ou seja, de formas que não são catalãs mas apresentam alguns elementos próprios do catalão (p. ex., *lunhou*, *noças*, *ixiu*, *ordoando*, *jatsseja*, *afegiu*).

### 1.3 Enquadramento da tradição portuguesa

Cornagliotti e Piccat (1993) defenderam que a tradução portuguesa do *Espelho da Cruz* não está vinculada à tradução espanhola dessa obra publicada em 1486, contestando assim a proposta de Martins (1956). No entanto, não apresentaram tese alternativa para a origem da tradução portuguesa.

---

<sup>10</sup> É interessante assinalar que o processo de apagamento de padrões não lusitanos foi levado adiante no cód. alc. 221: no trecho em questão, o copista desse códice cancela a forma *fijns*, substituindo-a por *ata*, e cancela, sem adição, a sequência a *sobjraneza da* (cód. alc. 221, f. 12r18-19).

<sup>11</sup> Curiosamente neste caso, apesar de forma catalanizada na tradução portuguesa (*afegiu*), na tradução catalã há forma diferente (*ajustà*): é possível que se trate de um dos casos de diferença lexical entre os testemunhos catalães a qual Gallina afirma existir. É necessário verificar futuramente qual forma aparece nos dois outros testemunhos catalães que não foram o testemunho-base da edição de Gallina.

Damonte (1977)<sup>12</sup>, para compreender melhor as opções tradutórias de Afonso de Palência, autor da tradução espanhola do *Espelho da Cruz*, realizou um confronto entre a edição espanhola de 1486<sup>13</sup> e cinco edições quatrocentistas<sup>14</sup> do texto italiano. Sua análise se concentrou em 5 lugares críticos, relacionados às seguintes passagens do texto espanhol:

- a. “*tomo la lumbre del entendimiento*” (1486, cap. I, f. a3v11-12);
- b. “*y todo gran deseo*” (1486, cap. I, f. a4r12);
- c. “*qual peccador es assy de fierro*” (1486, cap. XXV, f. e8r9);
- d. “*Dios es no sabio*” (1486, cap. XXX, f. f8v15-16);
- e. “*de sus canes y aves y cauallos y gauillanes*” (1486, cap. XXX, f. f9r18-19).

Para visualizar os resultados de Damonte (1977), aqui completados onde havia lacuna<sup>15</sup>, e confrontá-los com dados das traduções catalã e portuguesa, apresenta-se o quadro a seguir<sup>16</sup>:

	LC 1	LC 2	LC 3	LC 4	LC 5
I <sup>1</sup>	prese (f.6v16)	et hone <sup>17</sup> (f.7v2)	peccatore (f. 66r16)	si (f. 81v10)	de gli loro cani: uccelli: e caualli (f. 82v1-2)
I <sup>2</sup>	prese (f. 2ra2)	et hone (f.a2rb23)	peccatore (f. e3rb29-30)	non (f. f3vb11)	de gli loro cani: vcelli: e caualli (f. f4rb4-5)

<sup>12</sup> Os autores agradecem à sra. Maria Bibolini, da Accademia Ligure di Scienze e Lettere, pela viabilização do acesso ao trabalho de Damonte (1977).

<sup>13</sup> Exemplar consultado no presente estudo: Biblioteca Nacional de Madrid.

<sup>14</sup> I<sup>1</sup> = [Veneza: Filippo di Pietro ou Juvenis Guerinus, antes de 1476] (exemplar consultado no presente estudo: Biblioteca Vallicelliana, Roma); I<sup>2</sup> = [Veneza: Georg Walch, cerca de 1480] (Biblioteca Casanatense, Roma); I<sup>3</sup> = Milão: [Paolo Suardi], 1481 (Biblioteca Nazionale Braidense, Milão); I<sup>4</sup> = Milão: [Antonius Zarotus], 1484 (Biblioteca Nazionale Braidense, Milão); e I<sup>5</sup> = Milão: Leonardum Pachel et Uldericum Scinzenzeler Theutonicos, 1487 (Biblioteca Trivulziana, Milão). Observação: os dados entre colchetes são inferências em função da ausência de informação explícita na edição e foram apresentados por Schutte (1983, p. 127-129).

<sup>15</sup> Inseriram-se também dados relativos a duas edições italianas não analisadas por Damonte (1977): I<sup>4</sup> = [Veneza: Raynaldus da Nimwegen, depois de 1481] (Biblioteca Nazionale di San Marco, Veneza); e I<sup>5</sup> = [Roma: Eucharius Silber, antes de 1483] (Biblioteca Casanatense, Roma).

<sup>16</sup> C = cód. 474 [s. XV, 1ª met.]; P<sup>1</sup> = cód. alc. 89; P<sup>2</sup> = cód. alc. 221.

<sup>17</sup> Interpreta-se aqui que *hone* seja *ho* (1ª p. do s. do verbo *avere*) + partícula adverbial *ne*.

I <sup>3</sup>	perdete (f. a4r12-13)	con (f. a4r27)	pecto (f. f8r17)	si (f. h3v9)	di loro cani et di loro oselli: et di loro caualli (f. h4r15-16)
I <sup>4</sup>	prese <sup>18</sup> (f. a2ra3)	et hone (f. a2rb23)	peccatore (f. e3rb25-26)	non (f. f3vb9-10)	de gli loro cani: vcelli e caualli (f. f4rb2-3)
I <sup>5</sup>	[ <i>mutilado</i> ]	[ <i>mutilado</i> ]	peccatore (f. 43r2)	non (f. 53r11-12)	de gli loro cani: ucelli: e caualli (f. 53v15)
I <sup>6</sup>	perdete (f. a3v13)	con (f. a3v27)	pecto (f. f1r4)	si (f. g2r12)	di lor cani et di lor uselli: et di lor caualli (f. g2v11-12)
I <sup>7</sup>	perse (f. a3r4)	e ogni (f. a3r29-30)	peccatore (f. c2r34)	non (f. f2r34)	de gli loro cani: ucelli: e caualli: e sparaueri (f. f2v30)
E	tomo (f. a3v11)	y todo (f. a4r12)	pecador (f. e8r9)	no (f. f8v15-16)	de sus canes y aves y cauallos y gauillanes (f. f9r18-19)
C	perdé (v. I, p. 29, ll. 6-7)	del qual jo he (v. I, p. 31, l. 1)	pits (v. I, p. 173, ll. 9-10)	tan (v. II, p. 35, l. 13)	de lurs cans e falcons e cavalls (v. II, p. 37, ll. 9-10)
P <sup>1</sup>	perdeu > perdeo (f. 4v14-15)	do quall eu tenho (f. 5r22)	— (f. 88v2)	tam (f. 106v26)	de sseus câães e de suas beestaas e de suas aues (f. 107v18-19)
P <sup>2</sup>	perdeo (f. 3v5-6)	do quall eu tenho (f. 4r9)	— (f. 65r22)	tam (f. 79v16)	de seus câães he de seus caualos he suas aues (f. 80v6-7)

Quadro: Lugares críticos nas tradições italiana, espanhola, catalã e portuguesa

Em primeiro lugar, os dados do quadro acima confirmam a tese de que *a tradução espanhola de 1486 não terá sido fonte da tradução portuguesa*: basta verificar que, no LC 1, as traduções catalã e portuguesa vinculam-se à variante italiana *perdete*, e não à variante *prese*, a que está vinculada a forma espanhola *tomo*. Também o LC 2 confirma isso: as traduções catalã e portuguesa são mais compatíveis com a variante italiana *si* do que com a variante *non*, sendo esta última compatível com a forma espanhola *no*. Trata-se, portanto, de erros separativos (CAMBRAIA, 2005, p. 137) entre a tradição portuguesa e espanhola.

<sup>18</sup> No incunábulo, a forma está registrada de forma abreviada: *p~se*, o que permite uma leitura como *prese* ou *perse*, embora a presença de *titulus* sobre o *p* geralmente esteja relacionada a *pre*.

No que se refere à origem da tradução espanhola de 1486, na própria edição se informa que deriva de uma edição impressa italiana (cf. “este tratado impresso en toscano” abaixo):

[E]STA devota obra intitulada espeio dela cruz *que* primero fue *compuesta* en lengua toscana. Conuertio en lenguaie castellano. Alfonso de palencia coronista. a ruego del honrrado y virtuoso cauallero luys de medina veynte y quatro. de seuilla y thesorero dela casa dela moneda. El año de nuestra salud de mill y quatroçientos y ochenta y çinco años. acabose de interpretar. a xxi de iunio. E de *imprimir* a xx. de febrero, sea loado dios E su gloriosa madre. Reyna delos çielos. Amen.  
[E] que *primero* traxo desde ytalia a castilla este tratado impresso en toscano para que se couertiesse en romançe castellano. fue el Reuerendo y muy deuoto religioso fray iohan melgareio prior del monesterio de santysidro çerca de seuilla. el qual con zelo dela comun dotrina lo fizo imprimir despues que fue romançada. en seuilla en casa be anton martinez dela talla de maestre pedro. Todas las *personas* catholicas que desto reçibieren *prouecho* spiritual son obligadas rogar adios por la salud delas animas delos *que* fueron desto ministros. (1486, f. 14v)

Damonte (1977) não chegou a fechar a questão em relação a qual das edições italianas que consultou (I<sup>1</sup>, I<sup>2</sup>, I<sup>3</sup>, I<sup>6</sup> e I<sup>7</sup>) teria sido a fonte para a tradução espanhola, mas assinalou que a que mais tem afinidade com esta é, curiosamente, I<sup>7</sup>, ou seja, a de 1487 (DAMONTE, 1977, p. 221), que é posterior à impressão da espanhola. Veja-se, aliás, que, no trecho reproduzido acima, se informa que a tradução espanhola teria sido terminada já em 21 de junho de 1485, ou seja, oito meses antes de sair a impressão em 20 de fevereiro de 1486, o que torna a questão ainda mais complexa. O LC 5 é nítido indicador dessa proximidade, já que é nele que aparece uma variante no texto italiano (“e sparaueri”) ausente das demais edições precedentes, mas com correspondência no texto espanhol (“y gauillanes”).

Scoma<sup>19</sup>, em sua edição crítica da tradução espanhola da obra em questão, analisou mais profundamente o tema da edição italiana que terá sido a fonte para a tradução espanhola de Afonso de Palência, publicada em 1486, e identificou-a como sendo a edição de Raynaldus da Nimwegen, publicada em Veneza após 1481 (PALENCIA, 1996, p. 31): trata-se da edição identificada por I<sup>4</sup> no Quadro

<sup>19</sup> Os autores agradecem à profa. dra. Isabella Scoma pela gentil cessão de um exemplar de sua edição crítica da tradução espanhola, hoje já esgotada.

1 do presente trabalho. No que se refere à edição espanhola publicada em 1492, em Sevilha, por Meinardo Ungut e Estanislao Polono, Scoma considera que depende diretamente da edição espanhola de 1486, mas com intervenções conjecturais e possivelmente também com consulta ao modelo que terá sido a fonte para a edição de 1486 (PALENCIA, 1996, p. 22 e 25). Tais constatações, bastante elucidativas, exigem futuramente novas reflexões para darem conta de algumas especificidades da tradução espanhola, como a existência do já citado item *gauillanes* na edição de 1486 (cf. LC 5 do quadro acima), que não tem correspondente na edição italiana considerada como modelo para a espanhola (edição I<sup>4</sup>, posterior a 1481) mas tem correspondente em edição italiana posterior (cf. *sparaueri* na edição I<sup>7</sup>, de 1487). É possível que Palência tenha usado mais de uma fonte italiana para sua edição, e não apenas a edição italiana de 1481.

Voltando à questão da origem da tradução portuguesa, há dois argumentos para se defender a hipótese de uma fonte catalã para a tradução portuguesa: primeiramente, há os dados apurados na seção anterior, em que se demonstrou a presença de catalanismos na tradução portuguesa, mas, além disso, há dados relevantes no quadro acima. No LC 1, tem-se a concordância entre as traduções catalã e portuguesa em *tan/tam*, para o italiano *si*. No LC 2 tem-se novamente uma concordância entre elas na ausência de preposição correspondente ao italiano *con*. Observe-se que, curiosamente, as traduções catalã e portuguesa têm mais afinidade com o texto das edições italianas I<sup>3</sup> e I<sup>6</sup>, que têm em comum o fato de terem sido publicadas originalmente em Milão, do que com as edições I<sup>1</sup>, I<sup>2</sup> e I<sup>4</sup>, originalmente publicadas em Veneza.

A tradição catalã da obra em questão está atualmente preservada em três testemunhos<sup>20</sup>. No início do próprio texto medieval em catalão se informa um pouco de sua história:

Aquest sant libre, per devoció de la molt alta e molt excellent e virtuosa senyora la senyora dona María, per la gràcia de Déu regina, muller del molt alt e illustre senyor don Alfonso, per gràcia de Déu rey d'Aragó, és stat portat del realme de Nàpols per lo religiós frare Bernat Vilalta, monge de Nostra Dona de Monserrat, en lengua toscana. E és stat trasladat de aquella lengua en aquesta cathalana per lo religiós frare Pere Busquets, monge de Sant Phaliu de Guíxolls, lo qual havia stat en Itàlia més de xv anys e sabie bé sofficientment aquella lengua, car d'altres libres

<sup>20</sup> M<sup>1</sup> = Biblioteca da Catalunha, 474 [s. XV, 1<sup>a</sup> met.]; M<sup>2</sup> = Biblioteca Universitária, 78 [s. XV, último terço]; e M<sup>3</sup> = Arquivo Histórico da Cidade de Barcelona, B-76 [s. XV].

e aquest mateix havia scrits en Itàlia, e axí mateix ha aromançat lo libre *De la ira e de paciència*; los quals ha ordonats lo reverent mestre Domingo Cavalca, de la orda de frares Preyçadors, en la ciutat de Pisa. (CAVALCA, 1967, v. I, p. 23-24)<sup>21</sup>

Pelo fato de a tradução catalã não apenas ter sido realizada em devoção à Maria (1401-1458), esposa de Afonso V (1396-1458), mas também constar do inventário dela<sup>22</sup>, Gallina, sua editora, considera que a tradução date de meados do séc. XV (CAVALCA, 1967, v. I, p. 13). Não há ainda proposta da relação genética entre os três testemunhos supérstites, mas, na avaliação de Gallina,

Em conjunto, consideramos o manuscrito M<sup>1</sup> levemente mais correto que os outros. Quanto a M<sup>3</sup>, ainda que (...) tem mais afinidade com M<sup>1</sup> nos traços ortográficos, costuma antes coincidir mais com M<sup>2</sup> nos casos — por sua vez não frequentes — de diferenças lexicais e nas frequentes omissões de palavras. (CAVALCA, 1967, v. I, p. 20, tradução nossa)

Pela data estimada para a tradução catalã (meados do séc. XV, mas anterior a 1458), não seria demasiado considerar que remonte à tradição italiana manuscrita da obra, e não à tradição impressa. Embora a edição *princeps* do texto italiano tenha sido datada como anterior a 1476 (mas sem indicação de quanto antes em relação a 1476), as variantes que se verificam no quadro acima afastam a conexão entre a edição *princeps* do texto italiano e a tradução catalã: basta consultar, p. ex., o LC 3, com *peccatore* na edição *princeps* e *pits* no texto catalão, variante esta compatível com a forma italiana *pecto*, presente em outras edições.

Em síntese, o quadro geral que se delineia permite postular o seguinte percurso para as tradições românicas:

<sup>21</sup> Tradução nossa: “Este santo livro, por devoção da muito elevada e muito excelente e virtuosa senhora a senhora dona Maria, pela graça de Deus rainha, esposa do muito elevado e ilustre senhor dom Afonso, pela graça de Deus rei de Aragão, foi trazido do Reino de Nápoles pelo religioso frei Bernat Vilalta, monge de Nossa Senhora de Monserrat, em língua toscana. E foi traduzido daquela língua nesta catalã pelo religioso frei Pere Busquets, monge de Sant Feliu de Guíxols, o qual tinha estado na Itália por mais de 15 anos e sabia bem suficientemente aquela língua, pois outros livros e este mesmo tinha escrito na Itália, e igualmente romanceou [i. é, traduziu para a língua materna] o livro *Da Ira e da Paciência*, os quais ordenou o reverendo mestre Domenico Cavalca, da Ordem dos Frades Predicadores, na cidade de Pisa”.

<sup>22</sup> Trata-se do item 48, sob o título de *Spill de la Creu* (SOLDEVILA, 1928, p. 328).

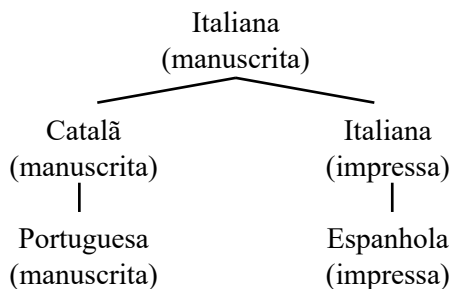


Figura: Tradições românicas do *Espelho da Cruz*

### 1.4 Problemas

A tese de Cornagliotti e Piccat (1993, p. 355) de que o cód. alc. 89 foi o modelo para o cód. alc. 221 apresenta problemas.

Já se citou antes o caso em que *bocejou* foi corrigido para *bocilou* no cód. alc. 89 mas consta a forma *bocejou* no cód. alc. 221, ou seja, o copista do cód. alc. 221 não registra a forma “corrigida” *bocilou*, mas sim com a original *bocejou*: é preciso avaliar futuramente como foi o comportamento do copista do cód. alc. 221 em relação às correções da segunda mão do cód. alc. 89, pois o que o levaria a ficar com a forma original e não a corrigida, se, segundo Cornagliotti e Piccat (1993), as correções teriam sido para compatibilizar a linguagem do texto com o uso linguístico dos copistas?

Há, ademais, um dado do quadro acima que sugere ter sido o processo de transmissão da tradução portuguesa mais complexo do que um simples caso de transmissão vertical. Veja-se que, no LC 5, há *caualli* em toda a tradição italiana, bem como correspondente na tradição catalã (cf. *cavalls*), mas no cód. alc. 89 tem-se *beestaas* e no cód. alc. 221 novamente *cavalos*: se o copista do cód. alc. 221 consultou apenas o cód. alc. 89, como terá podido ter substituído a forma inovadora e genérica *beestaas* do modelo pela forma conservadora e específica *caualos*, compatível com as tradições precedentes (italiana e catalã)? Embora Cornagliotti e Piccat (1993, p. 355) tenham assinalado haver “alguma variação” entre os testemunhos portugueses, o caso em questão é mais do que uma simples variação: é um caso de restauração de uma forma genuína da tradição.

Também a questão da fonte catalã para a tradução portuguesa aqui defendida exigirá uma integração com mais dados da tradição italiana e catalã. Como exemplo, pode-se citar uma passagem presente na tradução portuguesa (“mais



elle meesmo pessoalmente descendeu em terra por nos trager aa patria *ceestiall* > *celestiall e trageu* > *trouxe nos sobre as ssuas costas tijendo* > *teendo as stringidas* > *strangidas sobre o ffuste da cruz* [cód. alc. 89, f. 132v23-25]), com versão incompleta na tradução catalã (“mas encara ell mateix en persona devalla en terra per menar-nos-en a la pàtria de paradís” [CAVALCA, v. II, p. 90-91]), mas com versão completa na tradição italiana representada pela edição *princeps* (“ma egli in persona disciese in terra: per menarci ala patria del paradiso: e portone in su la spalla: portando le nostre iniquitate in su la croce [f. 105r22-25])<sup>23</sup>, mas não na edição de 1481, que é uma das mais próximas à tradição catalã segundo o quadro acima (“ma etiamdio esso in persona descese de cielo in terra per remenare noi alla nostra patria” [f. k5v3-4]). Como o texto catalão disponível para consulta atualmente é o da edição de Annamaria Gallina, baseado essencialmente em um dos três testemunhos supérstites (no cód. 474, BC), será necessário avaliar se a lacuna identificada está restrita a um testemunho apenas ou se consta de toda a tradição catalã. No primeiro caso, a versão completa da tradução portuguesa derivaria de uma versão completa do texto catalão (preservada em testemunho diferente do já editado), o que deixa de ser um problema para a presente discussão, mas, no segundo caso (ausência na tradição catalã), será necessário postular contaminação, ou seja, o tradutor para o português terá consultado mais do que a tradução catalã, tendo possivelmente consultado também outra fonte, provavelmente o texto italiano (seja manuscrito seja impresso).

Comprovando-se no futuro de forma cabal a fonte catalã para a tradução portuguesa do *Espelho da Cruz*, a presença de hispanismos nesta pode ser explicada com base em poliglossia e/ou bilinguismo: o tradutor para o português teria conhecimento tanto desta língua quanto do espanhol e do catalão. Não parece razoável a ideia de que fosse falante nativo de português com conhecimentos de espanhol e catalão como línguas estrangeiras, pois não faz sentido um falante de português contaminar com hispanismos uma tradução feita a partir do catalão. Parece mais provável a hipótese de que fosse *um falante nativo de espanhol com conhecimentos de português e catalão como línguas estrangeiras*: os hispanismos seriam decorrentes de influência de sua língua materna e os catalanismos seriam decorrentes de influência da língua do modelo da tradução. Uma hipótese alternativa seria a de que fosse *um falante*

<sup>23</sup> No texto da tradução espanhola consta a versão completa: “mas el en persona desçendio en tierra por learnos a la patria del parayso y leuonos a cuestras comportando nuestras maldades sobre la cruz” (1486, f. b5v32-b6r2)

*nativo bilingue de espanhol e de catalão com conhecimento de português como língua estrangeira.* Um fato que torna difícil identificar o peso da influência do espanhol e do catalão separadamente na tradução portuguesa é a existência de padrões linguísticos comuns a essas duas línguas por oposição ao português. Assim, p. ex., a forma *dolor* (cód. alc. 221, f. 57r18), derivada do lat. DOLORE-, é compatível tanto com o espanhol quanto com o catalão em função da manutenção de *l* intervocálico, por oposição a *door* (cód. alc. 221, f. 10r30), com a síncope desse *l*, como é próprio do português. O mesmo se passa com a forma *generallmēte* (cód. alc. 221, f. 61v17), derivada do lat. GENERALE-+ MENTE-, que é compatível tanto com o espanhol quanto com o catalão em função da manutenção de *n* intervocálico, por oposição a *geeralmēte* (cód. alc. 221, f. 66v14), com a síncope desse *n*, como é próprio do português.

## **Considerações finais**

O presente estudo objetivou demonstrar (a) a presença de catalanismos na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz* e (b) o vínculo entre as tradições portuguesa e catalã da obra em questão. Na seção 2.2 foram apresentados diferentes dados para comprovar a presença de catalanismos na tradução medieval portuguesa do *Espelho da Cruz*. Na seção 2.3 foram apresentados dois argumentos para defender a tese do vínculo entre as tradições portuguesa e catalã: os próprios catalanismos discutidos na seção 2.2 bem como a concordância entre diferentes lições presentes nas traduções catalã e portuguesa apresentadas em um quadro comparativo com base em cinco lugares críticos.

Por um lado, considera-se que foi possível avançar no conhecimento da tradição portuguesa da obra *Espelho da Cruz*, pois o vínculo dessa tradição com a tradição catalã não havia sido demonstrado até então. Em relação a isso, não se poderia deixar aqui de expressar uma certa surpresa em relação ao trabalho de Cornagliotti e Piccat (1993), no qual nada se disse sobre esse vínculo, nem sequer sobre a presença de catalanismos. Cornagliotti, que realizou trabalhos sobre textos medievais catalães, como, p. ex., o estudo sobre a tradução medieval catalã feita pelo mesmo religioso Pere Busquets de outros textos do mesmo Domenico Cavalca (CORNAGLIOTTI, 1987), e Piccat deram-se ao trabalho de inserir em seu estudo sobre o *Espelho da Cruz* uma transcrição da tradução catalã do cap. 39 dessa obra, segundo a edição de Annamaria Gallina. Diante disso, parece evidente que intuissem haver algum tipo de relação entre a tradução

catalã e a portuguesa, mas, inesperadamente, propuseram uma interpretação dos dados completamente desvinculada da questão do catalão e não voltaram a tratar do tema: não está claro o que os terá levado a abandonar essa hipótese. Informaram em nota, aliás, logo no início do artigo sobre o *Espelho da Cruz* (CORNAGLIOTTI; PICCAT, 1993, p. 333), que Cornagliotti apresentou um trabalho sobre o tema, mas em perspectiva diversa, no *XVI Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica* realizado em Palma de Mallorca entre 7 e 12 de abril de 1980, mas ele não consta das atas do evento (MOLL, 1982-1985): quiçá essa perspectiva diversa, depois abandonada, tenha sido justamente estabelecer algum vínculo entre as tradições catalã e portuguesa do *Espelho da Cruz*...

Por outro lado, apesar do avanço na compreensão da tradição portuguesa da obra *Espelho da Cruz*, foi possível constatar que o tema ainda exigirá uma abordagem mais ampla e robusta, com comparação sistemática entre os dois testemunhos portugueses, mas também com os testemunhos catalães e italianos, todos eles da tradição manuscrita.

## Referências bibliográficas

- AMOS, Thomas L.; BLACK, Jonathan. **The "Fundo Alcobaça" of the Biblioteca Nacional**. Lisbon. Colledgeville, MN: Hill Monastic Manuscript Library, 3 v., 1988-1990.
- ANSELMO, António Joaquim. Os antigos códices portugueses do Mosteiro de Alcobaça. **Anais das Bibliotecas e Arquivos**, Lisboa, v. 6, n. 21, p. 102-125, 1925.
- ANSELMO, António Joaquim. **Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional**. I. Códices portugueses. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.
- ASKINS, Arthur L-F (dir.). **Bitagap-Bibliografia de textos antigos galegos e portugueses**. Berkeley: The Bancroft Library. University of California, 1997. Disponível em: <[http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap\\_en.html](http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap_en.html)>. Acesso em: 27 jul. 2019.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo, Martin Fontes: 2005.
- CASTILHO, Célia Moraes de. **Fundamentos sintáticos do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CAVALCA, Domenico. **Mirall de la creu**: versió catalana del segle XV, per Pere Busquets. A cura d'Annamaria Gallina. Barcelona: Barcino, 2 v., 1967.

- CEPEDA, Isabel Vilares. **Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional do Livro, 1996.
- CORNAGLIOTTI, Anna. Els sirventesos de Domenico Cavalca en la traducció catalana de Pere Busquets. **Estudis de Llengua i Literatura Catalanes: Miscel·lània Antoni M. Badia i Margarit**, Barcelona, v. 15, p. 85-102, 1987.
- CORNAGLIOTTI, Anna; PICCAT Marco. Interferenze linguistiche in un manoscritto di area iberica. **La filologia romanza e i codici**: atti del Convegno, Fortunata Latella. Messina: Sicania, v. 2, p. 333-355, 1993.
- COSTA CLOS, Mercè; TARRÉS FERNÁNDEZ, Maribel. **Diccionari del català antic**. Barcelona: Edicions 62, 1998.
- DAMONTE, Mario. Una traduzione spagnola quattrocentesca dello **Specchio di Croce**, di fra' Domenico Cavalca. **Atti dell'Accademia Ligure di Scienze e Lettere**, v. 22, p. 215-222, 1977.
- DELCORNO, Carlo. CAVALCA, Domenico. In: DIZIONARIO BIOGRAFICO DEGLI ITALIANI. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 1979. V. 22.
- GRAN DICCIONARI DE LA LLENGUA CATALANA. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 1998.
- INDEX CODICUM BIBLIOTHECAE ALCOBATIAE. Lisboa: Typographia Regia, 1775.
- LAROUSSE DE POCHE: Dictionnaire des Noms Communs, des Noms Propres, Précis de Grammaire. Paris: Hachette, c1979.
- MARTINS, Mário. O “Espelho da Cruz” de Frei Domingo Cavalca. In: MARTINS, Mário. **Estudos de literatura medieval**. Braga: Cruz, p. 157-158, 1956.
- MOLL, Anna (coord). Congrès Internacional de Lingüística i Filologia Romàniques, XVI, Palma de Mallorca, 7-12 abril 1980. **Actes...** Palma de Mallorca: Moll, 2 v., 1982-1985. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=12460>>. Acesso em: 27 jul. 2019.
- MOLL, Francesc de B. **Gramàtica històrica catalana**. València: Universitat de València/Servei de Publicacions, 1991.
- PALENCIA, Alfonso Fernández de. (Tr.) **Espejo de la cruz**: texto crítico e introduzione a cura di Isabella Scoma. Messina: Di Nicolò, 1996.
- SANTOS, Marcos Alexandre dos. **Textos medievais portugueses alcobacenses**: edição do "Espelho da Cruz" do cód. alc. 221. 300 f. 2019. Relatório Final (Iniciação Científica) — Belo Horizonte, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

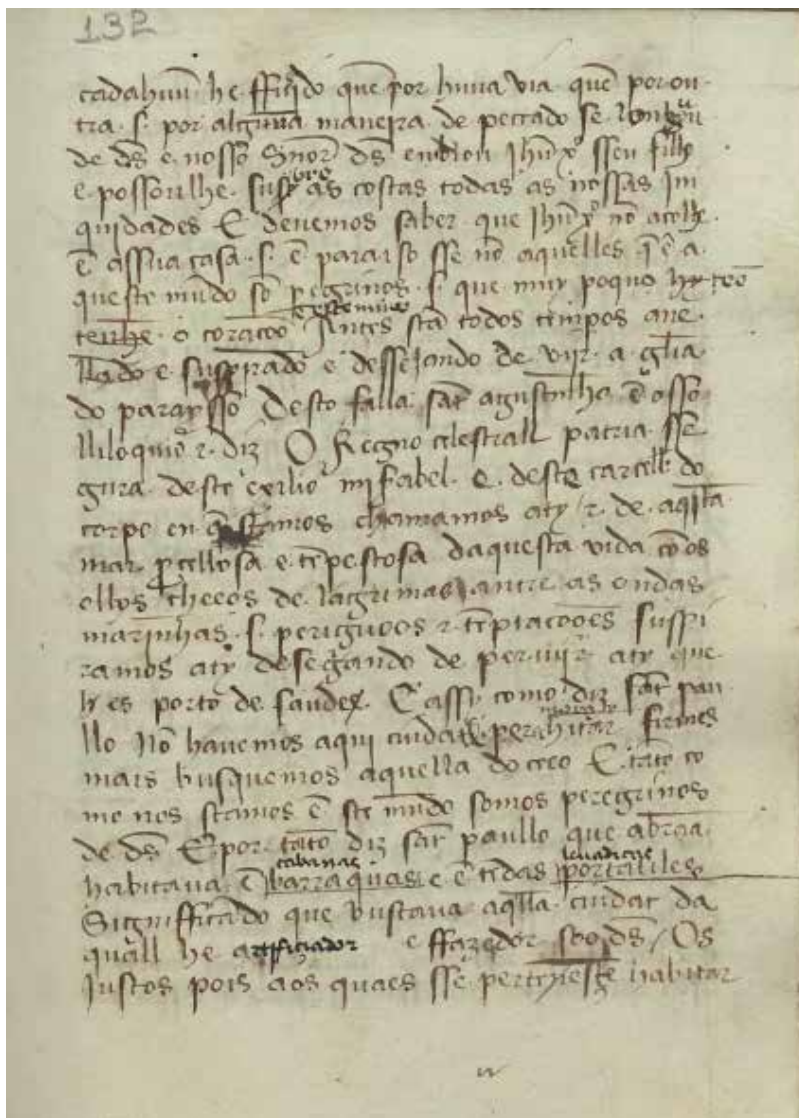
- SCHUTTE, Anne Jacobson. **Printed italian vernacular religious books 1465-1550: a finding list**. Genève: Droz, 1983.
- SILVA NETO, Serafim da. **Textos medievais portugueses e seus problemas**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.
- SOLDEVILA, Ferran. La reyna Maria, muller del Magnànim. **Memorias de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona**, Barcelona, v. 10, p. 213-347, 1928. Disponível em: <<https://www.raco.cat/index.php/MemoriasRABL/article/view/205697>>. Acesso em: 27 jul. 2019.
- TROIANO, Alfredo. **Lo "Specchio di Croce" di Domenico Cavalca: la tradizione manoscritta**. Ariccia: Aracne, 2018.

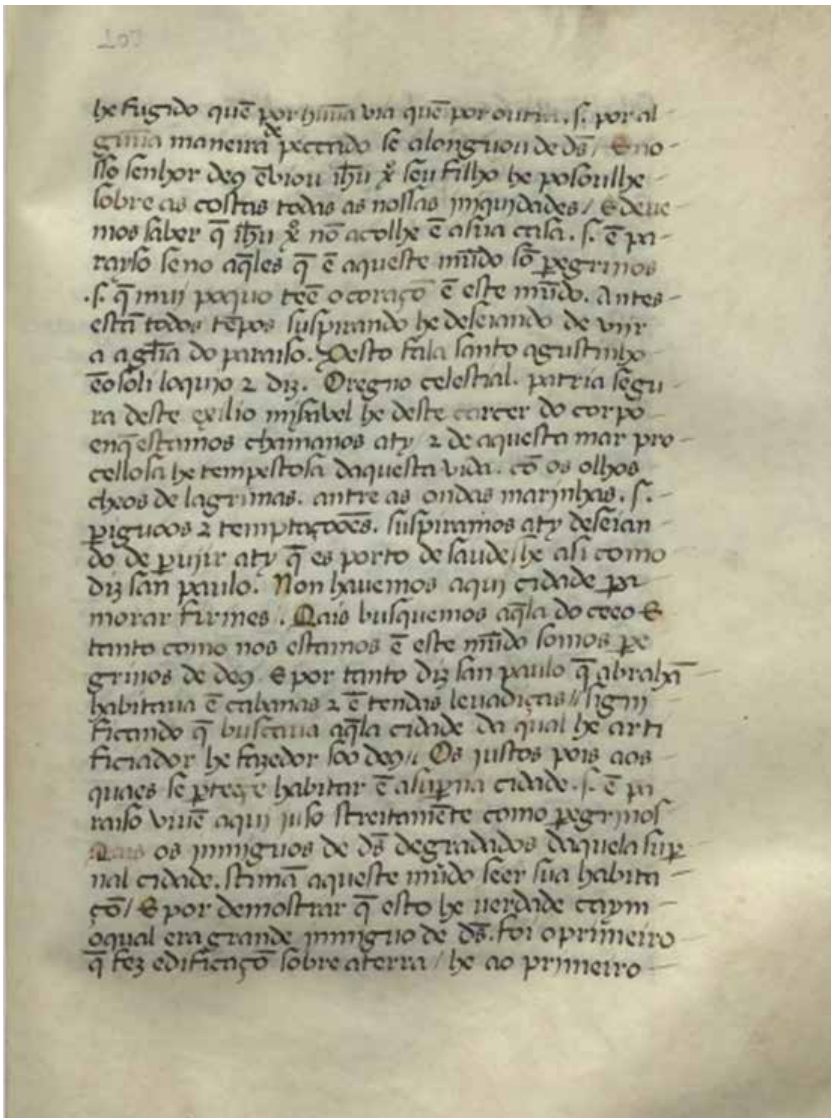
Recebido em 31 de julho de 2019.

Aceito em 10 de outubro de 2019.

## Anexo

Fac-símile do f. 132r do cód. alc. 89 da BNP





Fac-símile do f. 103r do cód. alc. 221 da BNP